



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**KATARINA TAINAN ARANHA FELIPE**

**TEXTO, LEITURA, COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO**  
Uma análise crítica-reflexiva sob a ótica do Interacionismo Sociodiscursivo

GUARABIRA – PB  
2014

**KATARINA TAINAN ARANHA FELIPE**

**TEXTO, LEITURA, COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO**

Uma análise crítica-reflexiva sob a ótica do Interacionismo Sociodiscursivo

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento à exigência para a obtenção do título de Licenciada.

Orientador: Profº Drº Juarez Nogueira Lins

GUARABIRA – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F313t Felipe, Katarina Tainan Aranha  
Texto, leitura, compreensão e Interpretação [manuscrito] :  
uma análise crítica-reflexiva sob a ótica do interacionismo  
sociodiscursivo / Katarina Tainan Aranha Felipe. - 2014.  
45 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
"Orientação: Juarez Nogueira Lins, Departamento de  
LETRAS".

1. Discurso. 2. Leitura. 3. Compreensão. 4. Interacionismo  
I. Título.

21. ed. CDD 020

**KATARINA TAINAN ARANHA FELIPE**

**TEXTO, LEITURA, COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO**

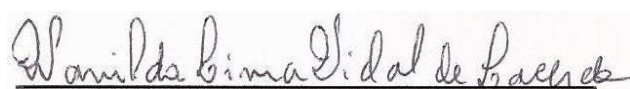
Uma análise crítica-reflexiva sob a ótica do Interacionismo Sociodiscursivo

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento à exigência para a obtenção do título de Licenciada.

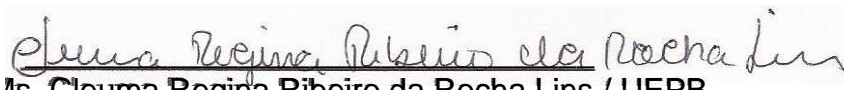
Aprovada em: 03 / 12 / 2014.



Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins // UEPB  
Orientadora



Prof. Dra. Wanilda Lima Vidal de Lacerda / UEPB  
Examinadora



Prof. Ms. Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins / UEPB  
Examinadora

Ao meu pai, Pedro Felipe de Pontes, e a minha mãe  
Josefa Aranha Gomes Felipe pela dedicação,  
companheirismo e amizade, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que tudo nos dá: luz, caminho, verdade e vida. Meu protetor.

A minha mãe Josefa Aranha (Marly) e ao meu pai Pedro Felipe, amigos e companheiros de toda uma batalha, que sempre me orientaram na vida, nos estudos, e no trabalho. Exemplos de vida.

A minha irmã Karolina Thais pela força, e compartilhamento do conhecer na minha vida acadêmica.

Ao meu irmão Thomas Pedro, meu anjo, minha vida.

Ao Orientador Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Juarez Nogueira Lins, pela forma de como me orientou neste trabalho, com paciência e compreensão, pelo grande incentivo às leituras, palco fundamental para minha pesquisa.

As professoras Wanilda Lacerda e Cleuma Regina, por terem aceito fazer parte da banca examinadora, pessoas por quem tenho grande admiração e respeito.

Aos professores da Academia pela contribuição de novas experiências, e novos conhecimentos.

A professora Marilene, que passou a maior parte do curso com a turma 2011.1, pelos conhecimentos compartilhados, e pelas tarde de conversas.

A minha mãe prof<sup>a</sup> Josefa Aranha (Marly), um agradecimento especial, pelas palavras de incentivo, pelos momentos de discussão dos temas estudados e pela torcida constante do meu aprendizado.

A UEPB que me acolheu com tanto carinho e amor.

Aos funcionários da Uepb, que fizeram parte da minha vida acadêmica, tanto diretamente quanto indiretamente.

A Rafael Ramalho, pelo incentivo, confiança, e paciência na realização do meu curso.

As minhas colegas da turma 2011.1 que se tornaram pessoas especiais, agradeço pelas tardes de conversas, risadas, troca de conhecimentos, debates, que ficarão guardados em mim.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto. (Paulo Freire)

## RESUMO

Este trabalho tem como cerne uma análise-crítica-reflexiva sobre Texto, Leitura, Compreensão e Interpretação. Objetiva refletir os conceitos de texto, dado por vários autores, adeptos do Interacionismo Sociodiscursivo, ligados a análise do discurso. Tem como relevância analisar a importância da leitura, compreensão e interpretação sob a ótica destes autores, dentre os quais Eni P. Orlandi que trata diretamente da diferença entre compreender e interpretar, ponto fundamental da análise desta pesquisa. A compreensão e a interpretação de textos analisadas sob a ótica dos teóricos da língua, servirão de base para análise de algumas das propostas de livros didáticos, dentre os quais, aparecem citados nesta pesquisa, Cereja/Magalhães e Correa/Luft, obras que fazem parte da aprovação do MEC Ministério da Educação e Cultura para o PNLD Programa Nacional do Livro Didático. Na análise das propostas observa-se a estrutura e a metodologia do trabalho de compreensão e interpretação se os autores dos livros didáticos diferenciam, ou não, o compreender do interpretar. Esta pesquisa qualitativa, de cunho interpretativista tomou como base, além de Orlandi (2008), Bakhtin (2009) Pêcheux (2008), Marcuschi (2008), Bronckart (2006) e outros. Concluiu-se que o estudo do texto sob a ótica do interacionismo sociodiscursivo é de maior eficácia, pois os autores citados convergem para um mesmo ponto que se justifica: ler, compreender e interpretar textos leva os sujeitos a se ajustarem em uma educação para a descoberta da identidade, valorização do espaço em que vive e compreensão das relações interpessoais e interdependentes entre os seres humanos e também a interdependência entre o indivíduo e o seu meio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso – Leitura – Compreensão – Interacionismo



## **ABSTRACT**

This work is an analysis-core critical-reflective Text, Reading, Understanding and Interpretation. Objectively reflect the concepts of text, given by several authors, fans Interactionism Sociodiscursivo linked to discourse analysis. Its relevance to analyze the importance of reading, understanding and interpretation from the perspective of the authors, among which Eni P. Orlandi that comes directly from the difference between understanding and interpreting, fundamental point of the analysis of this research. Understanding and interpreting texts analyzed from the perspective of language theorists, will serve as the basis for analysis of some of the proposals for textbooks, among which are mentioned in this research, Cherry / Magellan and Correa / Luft, works forming part the approval of the MEC Ministry of Education and Culture for the PNLD National Textbook Program. In the analysis of the proposals we observe the structure and the methodology of understanding and interpretation work if the authors of textbooks differ, or not, understand the play. This qualitative, interpretive nature was based on, and Orlandi (2008), Bakhtin (2009) Pêcheux (2008), Marcuschi (2008), Bronckart (2006) and others. It was concluded that the text of the study from the perspective of sociodiscursivo interactionism is more effective because the authors cited converge to the same point that is justified: read, understand and interpret texts leads subjects to fit in an education for discovery identity, appreciation of space you live in and understanding of interpersonal and interdependent relationships between human beings and also the interdependence between the individual and his environment.

**KEYWORDS:** Speech - Reading - Comprehension - Interactionism

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	09
1. TEXTO E LEITURA .....	11
1.1. Discutindo o Conceito de Texto.....	11
1.2. Discutindo o Conceito de Leitura.....	15
2. CONPREENSÃO/INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS: ALGUNS CONCEITOS..	20
2.1. Compreensão de Textos .....	20
2.2. Interpretação de Textos.....	29
3. CONPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LP .....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	42

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se debruça sobre a Leitura, mas precisamente sobre a diferenciação entre Compreensão e Interpretação de Texto. E assim, tem como objetivo compreender a linguagem em seu aspecto social e em seus vários sentidos. Assim, acreditamos que se faz necessário, na busca desses sentidos, diferenciar Compreensão de Interpretação. Diferenciação sob a ótica das teorias de linha do Interacionismo Sociodiscursivo, de modo especial a autora Eni P. Orlandi que traz uma definição e justifica os conceitos de Compreensão e Interpretação. Portanto esse trabalho se justifica pela pretensão de contribuir para o ensino/aprendizagem de leitura Interpretação e compreensão do texto em sala de aula. E, por conseguinte, despertar no alunado o gosto pela leitura e a percepção do quanto esta, quando bem interpretada e compreendida, é capaz de revolucionar o pensamento do indivíduo na formação de sua cidadania.

Para dar conta dessa tarefa utilizamos uma pesquisa qualitativa de cunho interpretativista com base nos estudos de Orlandi (2008), Bakhtin (2009) Pêcheux (2008), Marcuschi (2008), Bronckart (2006) e outros. Através dos conceitos teóricos desses autores far-se-á uma análise crítica-reflexiva, para buscar sob a ótica desses autores, entender o que é texto, a diferença entre compreender e interpretar e, como, a partir desse entendimento, as aulas de Compreensão e Interpretação de textos podem ser aplicadas com eficácia.

Trabalhar a compreensão e interpretação, de modo interativo, para obter eficácia, eleva o ensino/aprendizagem e estabelece no indivíduo uma maneira diferente de olhar o mundo do qual ele faz parte. Daí servirá como apoio para a descoberta da identidade, valorização do espaço em que vive e compreensão das relações interpessoais e interdependentes entre os seres humanos e também a interdependência entre o indivíduo e o seu meio.

A importância da leitura, compreensão e interpretação de textos são elementos primordiais deste estudo, porque é através dele que vai se buscar a importância de um trabalho de compreensão e interpretação baseado na linha do Interacionismo Sociodiscursivo com o intuito de promover a ética, o encorajamento e a preocupação em se fazer um ensino/aprendizagem da língua, como meio de ascensão social.

O presente trabalho foi dividido didaticamente em três capítulos com vistas a clareza e objetividade.

No Capítulo I – Texto e leitura: analisar-se-á alguns conceitos de texto; a intertextualidade, Inferências e contextos; aspectos sóciocognitivos e os sentidos possíveis do texto, para fazer uma releitura desses elementos e descrever a função de cada um dentro do texto.

No Capítulo II – Compreensão e Interpretação de texto: alguns conceitos e diferenças: Aqui se fará um apanhado de conceitos dos teóricos sobre compreensão e Interpretação de textos, baseando-se sempre em autores do Interacionismo Sociodiscursivo que tem como mentores Bakhtin e Pêcheux. Neste capítulo se fará uma tentativa de entendimento das diferenças entre compreender e interpretar.

No Capítulo III – Compreensão e Interpretação no livro didático de Língua Portuguesa: far-se-á uma análise das propostas de compreensão e interpretação do livro didático de vários autores, especialmente a obra de Cereja/Magalhães e Correa/Luft.

## 1. TEXTO E LEITURA

### 1.1 Discutindo o Conceito de Texto

Para início de conversa apresenta-se aqui um conceito de texto na visão de vários teóricos. Segundo Luis Antônio Marcuschi (2008, p.72) “o texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico”.

A concepção de texto elaborada por Marcuschi demonstra uma escala crescente a qual se constitui pela estrutura (organização textual – coesão); significativa (significação da palavra) comunicação (sentido) artefato sócio-histórico (conhecimento de mundo, contexto).

Para produzir um texto, o autor precisa ter conhecimento de vários aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos e sócio-históricos, não necessariamente apreendidos sistematicamente nos bancos de Escola, em livros didáticos ou gramáticas.

Para Koch (2014, p. 13) “o texto é um evento sociocomunicativo, que ganha existência dentro de um processo interacional”. Todo o texto é resultado de uma coprodução entre interlocutores: o que distingue o texto escrito do falado é a forma como tal coprodução se realiza.

O processo interacional impetrado pelo texto é o que o faz ser constituído de uma coprodução entre interlocutores, pois nenhum texto produzido tem por objetivo o seu isolamento, mesmo que o autor do texto seja também o leitor.

A coprodução textual constituída pela interação dar-se no momento em que o leitor passa a interpretar o texto, pois, é necessária a intermediação do intérprete para se chegar a uma compreensão. Marcuschi (2008, p. 89) apud Beugrande (1997, p. 13) afirma que: “Um texto não existe, como texto, a menos que alguém o processe como tal.” Ao tomar como exemplo o enunciado: “Silêncio!” Este somente vai ser visto como texto, a partir do momento que alguém contextualizá-lo. Essa contextualização requer vários fatores que irão cooperar para dar sentido ao texto.

Para Medeiros e Tomasi (2004, p.42):

Um texto é uma organização ou estruturação que faz dele um todo de sentido, e é também um objeto de comunicação que se estabeleceu entre um destinador e um destinatário. [...] é um tecido verbal cujas ideias devem estar entrelaçadas para formar um todo.

Dito de outra forma, é uma unidade de significação cuja referência foi tematizada.

Na concepção desses autores, o texto é: organizado, tem sentido, comunica, interage, tem ideias entrelaçadas, forma um todo. A interpretação e as ideias entrelaçadas de um texto confirmam-se por ser ele objeto de ação tanto do autor quanto do leitor. Todo texto é construído e reconstruído nas várias coproduções interativas de autor e leitor por intermédio da interpretação que colabora para a compreensão do texto. A organização do texto é mais um elemento colaborador para dar sentido ao texto. O sentido do texto é o elemento prioritário para a comunicação. Segundo os autores supracitados “um texto exige uma informação nova. Se não há nada de novo para dizer, falta a matéria prima do texto.” (2004, p. 238) Nesta afirmativa pode-se confirmar a individualidade do texto, pois para que possa ser constituído é necessário a participação de um indivíduo, caso contrário, não existiria o texto. A nova informação está contida no discurso que segundo Bakhtin, é social, e é por essa sociabilidade do discurso que a nova informação dada pelo texto pode ser interpretada e compreendida. A compreensão faz parte da interação de ideias entre autor e leitor o que se pode levar a conclusão da relevância desta interação para o desenvolvimento do ser humano. Desse modo pode-se entender a importância do interacionismo sociodiscursivo, que segundo Bronckart (2006, p.122,123).

(...) é uma corrente que visa validar, no plano científico, uma concepção do estatuto do ser humano, cujos fundamentos se situam na obra magistral de Spinoza (conferir Léthique, 1677/1954), e que foi reforçada pelas sucessivas contribuições de Darwin, Hegel e Marx/Engens. Se Darwin (1859/1980) forneceu os primeiros elementos empíricos que mostram a continuidade da evolução das espécies vivas, Hegel (1807/1947), por sua vez, mostrou que os processos históricos pelos quais as atividades de trabalho e de linguagem produzidas nas sociedades humanas levaram, em um processo solidário e dialético, à emergência do pensamento consciente humano e à construção dos mundos de obras e de culturas impregnados de significações sociais. (grifo nosso) [...] as capacidades biocoportamentais específicas dos organismos humanos tornaram possível a elaboração de atividades coletivas assim como instrumentos para sua realização concreta (as ferramentas (manufaturadas) e para sua gestão global (os signos da linguagem).

O texto é, portanto, um instrumento individual sociocomunicativo que tem em sua estrutura os elementos básicos para comunicação: a dicotomia individualidade/sociabilidade. Individual à medida que traz o novo, que satisfaz a

curiosidade do leitor; social à medida que é formulada pelo discurso coletivo, onde aparecem as multivozes que colaboram para a sua compreensão e o interagir entre os humanos. É dentro desta atividade de interação que se dá sentido ao texto e conseqüentemente acontece a comunicação.

Bronckart citando Adam confirma:

Reconhecendo, entretanto, que um texto só pode ganhar sentido pela atividade de interpretação de seus leitores, que constroem sentidos a partir dos índices disponíveis na materialidade textual, Adam assinala que esses índices linguísticos constituem-se como instruções, sistemas de restrições destinados a orientar o leitor na interpretação. (2008, p. 83)

Sobre conceito de texto, segundo Bakhtin, que usa a palavra enunciação para defini-lo, afirma:

O discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação. Aquilo de que nós falamos é apenas o conteúdo do discurso, o tema de nossas palavras. (2009, p. 154)

O discurso citado ao qual Bakhtin chama de “Discurso de Outrem” é o texto. Embora este trabalho esteja direcionado para o texto escrito, a concepção de Bakhtin sobre o discurso de outrem, concepção tanto do texto oral, quanto escrito, vem ajudar, de forma muito concreta, na reflexão e análise, que será realizada em todo decorrer desta pesquisa, sobre compreensão e interpretação de texto. É o texto, o objeto deste estudo. E é no texto escrito que se vai buscar o entendimento da diferença entre compreender e interpretar.

Quando Bakhtin prenuncia que o discurso citado é uma enunciação sobre a enunciação, abre espaço para o entendimento de que o texto, com sua individualidade, está contido no social. Isso nos remete a entender a natureza paradoxal da compreensão de um texto. A medida que a compreensão é facilitada pelo fato de o texto está contido no social, e o leitor conhecer os parâmetros da língua e da cultura na qual o texto está inserido, a compreensão também é dificultada pelo aspecto individual do texto. Esta individualização que forma a identidade do autor e do leitor, é o caminho mais incerto que colabora para dificultar a compreensão do texto.

Em sua concepção de texto, Bakhtin nos dá a esplendorosa sensação de quanto o texto é algo interativo. Dentro da concepção do interativismo sociodiscursivo o texto nos remete a exercer a cidadania, quando se tem a

capacidade de interpretá-lo e compreendê-lo. Com a compreensão do texto, o leitor pode exercer sua autonomia em relação às opiniões ali expostas, pois, quanto mais se compreende e se conhece um texto, mais facilidade o cidadão tem de aceitar ou protestar àquilo que se propõe a ler.

Uma observação sobre o sentido do texto nos remete a seguinte afirmativa de Bakhtin (2009, p. 154) “O discurso citado e o contexto narrativo unem-se por relações dinâmicas, complexas e tensas. É impossível compreender qualquer forma de discurso citado sem levá-las em conta.”

As relações dinâmicas, complexas e tensas das quais falam Bakhtin, quando da interpretação do texto, merecem ser analisadas com cuidado para não alterar completamente o sentido do texto em referência ao que o autor diz. Estas relações compreendem os vários elementos que constituem o texto, seja fonético, sintático, semântico, morfológicos ou de ordem cultural.

Um exemplo de alteração de sentido do texto pela fonética são os homônimos perfeitos. O texto: “jogo feliz” pode ser lido com som aberto jógo ou com o som fechado jôgo. Daí a necessidade de observar o contexto em que o enunciado está inserido para dar-lhe o sentido dentro das expectativas do autor. Se estiver dentro de um contexto em que há um texto maior com referências explícitas, a análise e o entendimento se fazem com maior facilidade. Se se encontra numa inscrição isolada, como num cartaz à porta de um estabelecimento de jogos será necessário outro tipo de análise para dar sentido ao texto.

Entre os vários conceitos de texto pode-se observar que o princípio fundamental deste é o sentido. Não existe texto se não houver sentido, pois por menor que seja o texto ele vem carregado de sentido, caso contrário, deixa de ser texto e passa a ser apenas palavras ou amontoado de palavras. Outro fator importante é que todo texto requer construção de um contexto, seja do escritor ou do leitor. Se houver uma co-construção (escritor-leitor) isto é, se entre o leitor e o escritor houver uma completa compatibilidade de ideias, as quais baseadas na cultura e interesses comuns, haverá assim uma facilidade de compreender melhor o texto.

Tanto um texto pequeno, como: “silêncio!” ou maior, como: “meus pais foram à feira e ainda não voltaram”, ou ainda um texto, artigo de opinião, com várias páginas são dependentes de vários fatores de compreensão, dentre os quais estão:



a cultura e o interesse comuns, não necessariamente afirmativos e ou negativos, entre autor e leitor.

Medeiros e Tomasi (2004, p.54) afirmam:

Os dizeres de um texto não são apenas mensagens que levam o destinador a decodificá-las. São efeitos de sentido que são produzidos em determinado contexto, sob determinadas condições. Tais efeitos estão presentes no modo como se diz, deixam vestígio que o analista precisa apreender.

No caso do texto, “Silêncio!” o leitor pode decodificá-lo (lê e entender o significado da palavra) mas não entender o sentido. Até aqui ele ainda não compreendeu o texto. Daí ativar a mente para um novo fator de compreensão, que pode ser a construção ou observação do contexto. Este contexto pode já está construído (inferência cognitiva) ou pode ser construído (inferência elaborativa). No caso estudado, se a palavra “Silêncio!” estiver na porta de uma enfermaria e o leitor já tem conhecimento que em tal espaço requer que não faça barulho, ele compreendeu o texto, (inferência cognitiva) mas se a palavra “Silêncio!” estiver escrita num local combinado para soltar fogos de artifício, o leitor irá construir sentido para tal texto (inferência elaborativa). Neste caso, requer uma maior análise (busca de vestígios) para compreender e dá sentido ao texto.

## **1.2 Discutindo o Conceito de Leitura**

Existe senso comum de que a leitura é o meio que forma e informa, pois quem não lê se afasta de grande parte dos saberes dos quais o cidadão necessita para construção de sua autonomia, identidade e sociabilidade. Esta pesquisa está pautada na leitura de textos escritos, mas sem desprezar a leitura de mundo, resultado de outras formas de ler, e que também tem valor na construção da cidadania, pois é antes de tudo inclusiva, independente e inserida na alma do ser humano.

Desde a mais tenra idade o ser humano já inicia sua leitura de vida pela observação, imitação e seus contatos com o meio. É a leitura que surge das experiências e que estabelece o sentido para o seu estar no mundo. É a leitura que vai servir de base para contextualização da leitura do texto escrito, dentro dos aspectos fisiológico e psicológico.

O tema tratado, nesta pesquisa, propõe o entrelaçamento das diversas formas de leitura e tem como objetivo maior diferenciar a compreensão da

interpretação do texto escrito, principalmente aquele em que o autor não está presente do leitor na hora da leitura.

Este processo de diferenciar compreensão de interpretação tem como base fundamental fornecer ao leitor desta pesquisa a importância do estabelecimento de métodos para a compreensão de um texto. Quer também analisar reflexivamente as implicações que podem ser submetidas a análise de compreensão de um texto sob a ótica do interativismo sociodiscursivo que compreende na leitura de textos uma forma de comunicação das ações que devem estar integradas a sociedade.

Bakhtin afirma:

Toda a essência da apreensão apreciativa de enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário, um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o “fundo perceptivo” é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. (2009, p.153,154)

A leitura de um texto requer, para a sua compreensão, esse modo de pensar o enunciado exposto por Bakhtin. A compreensão da leitura só passa a existir quando vem acompanhada do sentido, ou quando o leitor estabelece sentido a sua leitura. Marcuschi (2008, p.242) afirma: “o texto não é um puro produto nem um simples artefato pronto; ele é um processo e pode ser visto como um evento comunicativo sempre emergente”.

Pode-se perceber que a leitura de um texto leva o leitor a sintonizar-se com o autor pela compreensão de sinais emitidos na textualidade, mas o leitor-interprete pode também elaborar alguma forma de sentido a sua leitura. Daí a importância da leitura na interação de sentidos e de aplicação desses sentidos nas ações dos indivíduos na sociedade. O processo da comunicação faz um percurso linear que se fecha com entendimento do texto: A leitura alia-se a esse processo. Vejamos: Temos a: Linguagem -> Comunicação -> Compreensão -> Interação. A linguagem emite os sinais; os sinais emitem a comunicação; a comunicação se faz na compreensão; e pela compreensão pode-se fazer e interação.

Na ação social, isto é, na vida pragmática do homem, onde a linguagem é base para o processamento de várias ações, a leitura de um texto, em que objetiva dar apoio a dignidade humana, pode ser vista no exemplo abaixo.

No enunciado “Escovar os dentes faz bem à saúde bucal” a ordem para comunicação se estabelece da seguinte forma:

Linguagem -> Código -> Comunicação -> Leitura do código -> Compreensão -> Compreender o sentido do código -> Interação -> A reação realizada com a comunicação.

A interação pode-se processar por dois caminhos: realizar ou não a ação de escovar os dentes. É na interação que o processo da comunicação se faz mais independente, mas é na interação também que os conflitos são gerados, diagnosticados e tantas vezes resolvidos. Quando o enunciado se objetiva para o mal, como no texto “o negro não é gente” (preconceito explícito) a interação segue o mesmo processo – apoiar ou não. Os resultados dos dois enunciados podem ser positivos: escovar os dentes; não praticar o preconceito; ou negativos: não escovar os dentes; praticar o preconceito.

É neste agir e interagir através da palavra, da leitura da palavra, que o ser humano pode crescer, mas também é a palavra, é através da palavra que se faz a guerra. Daí a importância de interpretar e compreender cada vez mais esta leitura da palavra, buscar o sentido desta palavra e até produzir este sentido. Parafraseando Beaugrande (Marcuschi 2008, p. 89 apud.1997: 13) “Um texto não existe, como texto, a menos que alguém o processe como tal.” A interação não existe no texto até que alguém o processe como tal.

Paulo Freire (2008, p. 90) afirma:

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão... se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu – tu.

A leitura, cada vez maior, das diversas vozes, diversas palavras, tem o poder de projetar os homens para descobrir o que é capaz de promover a sua dignidade. E é neste aspecto que a formação sistematizada deste homem pode lhe trazer maior dignidade, pois é dever das Escolas, das Universidades cooperar cada vez mais para formar o cidadão, ajudando-o na descoberta de sua identidade e ampliação de sua autonomia.

É no âmbito da leitura, da compreensão e interpretação do texto, do debate, da pesquisa, que, tanto a criança, o jovem e o adulto vão encontrar maior possibilidade de se integrar ao mundo, de entender os enunciados propostos e de propor também bons enunciados.

A leitura bem interpretada e compreendida faz aumentar a interação entre os homens e conquistar metas estabelecidas pelos direitos humanos, quando esses direitos são observados e executados para dar dignidade e apoderamento aos homens, na medida em que este não ultrapasse o apoderamento do outro.

Marcuschi (2008 p.230) afirma que “Compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade”.

Infelizmente, ainda hoje, as Escolas trabalham pouca a leitura, e muito menos ainda, a compreensão e interpretação. Quando trabalham é de forma a preencher questionários vazios de sentido, e o pior, marcar um X em respostas prontas, muitas vezes mal elaboradas e descontextualizadas do objetivo a ser atingido. Isso acontece, tanto nas aulas de Português, quanto em outras disciplinas, em que é necessário o uso da linguagem escrita para elaboração das ações do ensino/aprendizagem.

Em uma Escola X, ao se criar uma ação, que tinha como objetivo amenizar, ou excluir, o mau-uso do celular em sala de aula, preparou-se um questionário de pesquisa de opinião distribuído entre os alunos: Observação: No questionário elaborado não se encontrava questão alguma que tivesse relação com o objetivo específico. Observa-se o questionário:

Escola Xxxxxx Xxxxxxx

Aluno: Xxxxxx Xxxxxxx

Uso do celular na sala de aula

- 1- Quantas vezes, você usa o celular? Por dia,  
( ) quatro vezes ( ) cinco ( ) mais vezes
- 2- Você usa mais o celular ou vê mais televisão?
- 3- Você consegue se separar do seu celular?
- 4- Quantas vezes por semana você usa a internet?
- 5- Você gosta mais do celular ou da televisão?

Percebe-se que Os resultados da pesquisa, apenas, serviram para descobrir quantidade de uso da internet por dia ou semana, e outras questões sem maiores proveitos para a não utilização do mau-uso do celular na sala de aula. Pode-se dizer que a proposta para a educação do alunado foi ótima, uma boa iniciativa, mas sem alcançar o resultado esperado. Faltou a compreensão, para elaborar o questionário adequado à ação esperada. A leitura proposta foi outra.

Marcuschi (2008 p. 230) afirma:

Independente de resultados de testes, todos nós sabemos como é importante nos entendermos bem no dia-a-dia, seja no diálogo com outras pessoas ou na leitura de textos escritos. [...] a interpretação dos enunciados é sempre fruto de um trabalho e não uma simples extração de informações objetivas. Como o trabalho é conjunto e não unilateral, pois compreender é uma atividade colaborativa que se dá na interação entre autor-texto-leitor ou falante-texto-ouvinte, pode ocorrer desencontros. A compreensão é também um exercício de convivência sociocultural.

No caso exposto acima, alguns cuidados que implicam um bom resultado para interação, poderia ter sido tomado pelo autor do questionário. O trabalho conjunto – pedir que alguém lesse o questionário e o relacionasse com o objetivo específico da proposta. Pedir que os próprios alunos elaborassem o questionário e depois uma leitura destes questionários para eleger as perguntas que estivessem relacionadas ao objetivo. Levar mais um tempo na elaboração, perceber que leitura compreensão e interpretação requer tempo. Não é com pressa, nem avanço de conteúdos que se alcançam os objetivos da leitura a qual deve ser avaliada, interpretada e compreendida para avançar no passo a passo de uma Educação mais promissora.

## 2. COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO: ALGUNS CONCEITOS

### 2.1 Compreensão de Texto

Compreender um texto é algo muito além da interpretação? Existe uma polêmica na área do ensino principalmente nos diálogos de professores da Língua, em que compreender e interpretar para alguns são palavras de sentido igual; para outros são vocábulos com diferença de sentido. Não se quer, com essa pesquisa, ter a pretensão de mostrar de forma clara e objetiva a semelhança e diferença entre as duas palavras, mas, com base em alguns teóricos, analisar reflexivamente até que ponto se pode separar a compreensão da interpretação e, qual dos dois significantes com seus significados estão na esfera da macro ou micro estrutura do sentido, ou se pertencem igualmente a uma mesma esfera.

Começar analisando o conceito de compreensão, descrito por alguns autores, pode ajudar a entender o que esta representa na análise de um texto, principalmente, na busca de sentido que este texto na sua neutralidade propõe ao leitor e ou observador.

Marcuschi (2008, p. 229, 230) prescreve: “Compreender bem um texto não é uma atividade natural nem uma herança genética; nem uma ação individual isolada do meio e da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho”.

Para este autor, a compreensão é algo que envolve todo um leque de ações sociocognitivas, onde o indivíduo leitor está inserido, e em que nível de inserção ele se encontra. Portanto, não há compreensão sem integração ao meio, sem esforço que possa habilitar o sujeito para tal. Esta habilitação não se dá por exercícios linguísticos, mas muito mais pela participação e observação do mundo que o cerca. Compreender seria, portanto, um ato de participação, de integração ao meio e de interesse pelos acontecimentos em volta do indivíduo, ou seja, estar atento às demandas evolutivas e a ebulição da sociedade. E Marcuschi acrescenta: a compreensão “é muito mais uma forma de inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade”. (2008, p. 230)

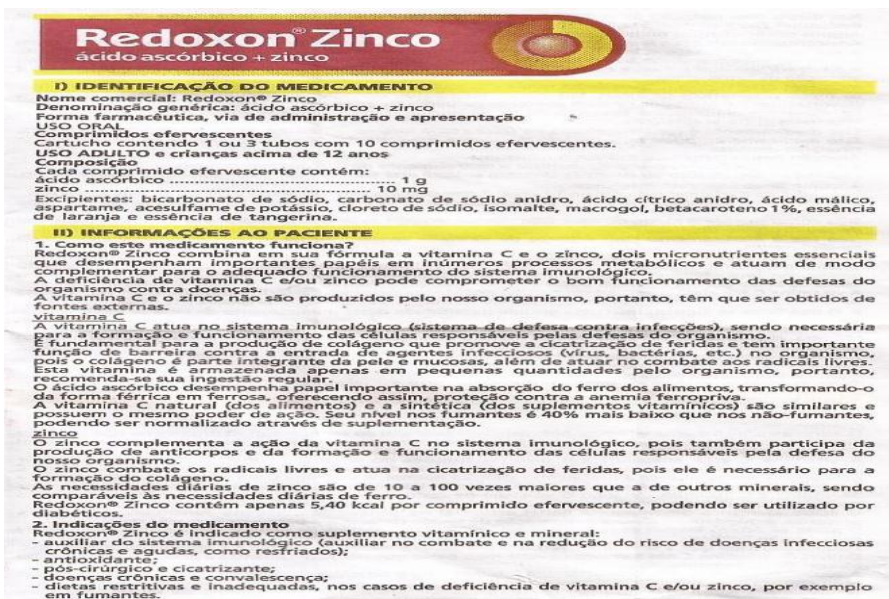
A compreensão exige do sujeito um querer se inserir ao texto, de forma que, não existe leitor se não existe vontade de procurar algo na leitura. Não se ler sem

objetivo algum. A procura pela leitura está amparada por um ou mais objetivos formulados, consciente ou inconscientemente, pelo leitor. Uma diversão, um aconselhamento, uma tomada de decisão, uma especulação, uma busca por emprego, uma necessidade de ler uma bula ou uma receita médica, para não se atrapalhar com a tomada do medicamento, são formas conscientes que definem objetivos adequados para a leitura. O leitor busca nessa leitura a melhor maneira de compreender o texto, e para isso retoma todo o seu conhecimento “enciclopédico” as inferências cognitivas e elaborativas para atingir a compreensão daquele texto.

Marcuschi afirma:

Sendo uma atividade de produção de sentido colaborativa, a compreensão não é um simples ato de identificação de informações, mas uma construção de sentidos com base em atividades inferenciais. Para se compreender bem um texto, tem-se que sair dele, pois o texto sempre monitora o seu leitor para além de si próprio e esse é um aspecto notável quanto à produção de sentido. (2008, p. 233)

Ao tomar como exemplo a leitura de uma bula, na qual contêm várias informações pode-se ver que, as informações em si não são o bastante para compreender o que ali está escrito. Ao se propor ler uma bula o indivíduo-leitor já sabe a priori que ali contêm informações, e que conseqüentemente sabe lê-las. Mas, não são apenas as informações escritas ali de modo literal que ele procura, mas sim, o sentido destas informações, o como fazer, o que fazer, o quando fazer, e tantas outras respostas que não são dadas literalmente, com a simples leitura do texto. Veja o exemplo desta bula:



**Redoxon<sup>®</sup> Zinco**  
ácido ascórbico + zinco

**D) IDENTIFICAÇÃO DO MEDICAMENTO**  
Nome comercial: Redoxon<sup>®</sup> Zinco  
Denominação genérica: ácido ascórbico + zinco  
Forma farmacêutica, via de administração e apresentação  
USO ORAL  
Comprimidos efervescentes  
Cartucho contendo 1 ou 3 tubos com 10 comprimidos efervescentes.  
USO ADULTO e crianças acima de 12 anos  
Composição  
Cada comprimido efervescente contém:  
ácido ascórbico ..... 1 g  
zinco ..... 10 mg  
Excipientes: bicarbonato de sódio, carbonato de sódio anidro, ácido cítrico anidro, ácido málico, aspartame, acesulfame de potássio, cloreto de sódio, isomalte, macrogol, betacaroteno 1%, essência de laranja e essência de tangerina.

**II) INFORMAÇÕES AO PACIENTE**  
**1. Como este medicamento funciona?**  
Redoxon<sup>®</sup> Zinco combina em sua fórmula a vitamina C e o zinco, dois micronutrientes essenciais que desempenham importantes papéis em inúmeros processos metabólicos e atuam de modo complementar para o adequado funcionamento do sistema imunológico.  
A deficiência de vitamina C e/ou zinco pode comprometer o bom funcionamento das defesas do organismo contra doenças.  
A vitamina C e o zinco não são produzidos pelo nosso organismo, portanto, têm que ser obtidos de fontes externas.  
A vitamina C atua no sistema imunológico (sistema de defesa contra infecções), sendo necessária para a formação e funcionamento das células responsáveis pelas defesas do organismo.  
É fundamental para a produção de colágeno que promove a cicatrização de feridas e tem importante função de barreira contra a entrada de agentes infecciosos (vírus, bactérias, etc.) no organismo, pois o colágeno é parte integrante da pele e mucosas, além de atuar no combate aos radicais livres. Esta vitamina é armazenada apenas em pequenas quantidades pelo organismo, portanto, recomenda-se sua ingestão regular.  
O ácido ascórbico desempenha papel importante na absorção do ferro dos alimentos, transformando-o da forma férrica em ferroso, oferecendo assim, proteção contra a anemia ferropriva.  
A vitamina C natural (dos alimentos) e a sintética (dos suplementos vitamínicos) são similares e possuem o mesmo poder de ação. Seu nível nos fumantes é 40% mais baixo que nos não-fumantes, podendo ser normalizado através de suplementação.  
**zinco**  
O zinco complementa a ação da vitamina C no sistema imunológico, pois também participa da produção de anticorpos e da formação e funcionamento das células responsáveis pela defesa do nosso organismo.  
O zinco combate os radicais livres e atua na cicatrização de feridas, pois ele é necessário para a formação do colágeno.  
As necessidades diárias de zinco são de 10 a 100 vezes maiores que a de outros minerais, sendo comparáveis às necessidades diárias de ferro.  
Redoxon<sup>®</sup> Zinco contém apenas 5,40 kcal por comprimido efervescente, podendo ser utilizado por diabéticos.

**2. Indicações do medicamento**  
Redoxon<sup>®</sup> Zinco é indicado como suplemento vitamínico e mineral:  
- auxiliar do sistema imunológico (auxiliar no combate e na redução do risco de doenças infecciosas crônicas e agudas, como resfriados);  
- antioxidante;  
- pós-cirúrgico e cicatrizante;  
- doenças crônicas e convalescença;  
- dietas restritivas e inadequadas, nos casos de deficiência de vitamina C e/ou zinco, por exemplo em fumantes.

FIGURA 01

Todas as informações contêm palavras do vocabulário técnico dos laboratoristas. Mesmo sabendo fazer a leitura do que está escrito no texto é preciso um olhar mais atento, um conhecimento mais “profundo”, uma inserção ao universo das drogas, um saber múltiplo da função que elas exercem, um sentido para a tomada de tal decisão, um porque de tomar tal medicamento. Daí compreender que se faz necessário envolver-se num processo sociointerativo em que não basta a perspectiva de uma “semântica lexicalista, uma noção de referência extensionalista na relação linguagem-mundo e uma concepção de texto como continente” (idem, p. 237) mas sim, é necessário perceber uma outra perspectiva que tem como base a “noção de língua como atividade sociointerativa e cognitiva com uma noção de referência e coerência produzidas interativamente e uma noção de textos como evento construído na relação situacional, sendo o sentido sempre situado”. (Idem, p.237).

A forma de como se vai ler o texto da bula para compreendê-la é definida pelo objetivo do sentido para a sua compreensão. Os vários leitores dessa bula podem assumir várias funções em relação a esta leitura. Por exemplo: a função do médico, a função do laboratorista, a função do paciente, a função do enfermeiro (acompanhante do paciente), a função do curioso, ainda a função do viciado em leitura, que tem por alguns instantes apenas uma bula como texto para objeto de leitura...

A busca pelo sentido é muito variada. Para tanto as inferências em relação ao texto são construídos pelos objetivos da leitura que se faz no espaço e tempo disponível para ler o texto. Tem-se, portanto, dois fatores que são interessantes para a compreensão do texto: O Tempo – que leva em consideração o momento que o texto foi escrito, o momento em que está sendo lido o texto, e ainda o tempo disponível para a leitura. O tempo é um dos fatores que requer do intérprete uma maior observação para dar sentido ao texto; O Espaço – outro fator interessante que influencia no sentido do texto.

No caso da bula lida por alguém ilhado e que apenas para matar a vontade de ler se propõe a tal leitura, talvez a busca do sentido seja algo menos persistente que do médico. Este precisa entender os mínimos detalhes para prescrever ao paciente o medicamento.

Como se pode observar, as funções do leitor e suas condições para leitura também colaboram para inferências contraditórias propostas a um texto.



Bakhtin escreve:

Não é por acaso que a teoria do subjetivismo individualista, como todas as teorias da expressão, só se pôde desenvolver sobre um terreno idealista e espiritualista. Tudo que é essencial é interior, o que é exterior só se torna especial a título de receptáculo do conteúdo interior, de meio de expressão do espírito. (2009, p. 115)

Cada função representada pelo indivíduo assume de certa forma a ideologia de vida deste indivíduo. Esta função está intrincada no pensamento e espírito deste homem e ou mulher. Daí a compreensão de um texto depender também deste fator funcional e emocional em que se encontra o leitor intérprete. Isso não quer dizer que o leitor intérprete deve direcionar o sentido total do texto para o âmbito do seu espírito, mas apenas, reconhece-se que dependendo da função exercida pelo leitor essa compreensão é intermediada e elaborada dentro desse contexto individualista. Se a essência, como afirma Bakhtin, está no interior e a exterioridade só se torna essência ao ser recebida pelo conteúdo interior, de certo, a forma como se comporta o ser humano é meio favorável para influenciar na compreensão de um texto, sem que isso seja motivo para provocar aleijões na interpretação desse texto. Bakhtin acrescenta:

É verdade que exteriorizando-se, o conteúdo interior muda de aspecto, pois é obrigado a apropriar-se do material exterior, que dispõe de suas próprias regras, estranhas ao pensamento interior. No curso do processo de dominar o material, de submetê-lo de transformá-lo em meio obediente, da expressão, o conteúdo da atividade verbal a exprimir muda de natureza e é forçado a um certo compromisso. (2009, p. 115).

Percebe-se, com esta afirmação de Bakhtin, o quanto o texto e sua compreensão se faz pelo sentido e não pela forma da comunicação. A forma é apenas um meio de representação de um texto, mas dificilmente expressará o seu sentido, pois a palavra é meio e não um fim. A compreensão da palavra interiorizada e comprometida com o exterior faz o texto ser um “pano de fundo” para o mergulho na interpretação com o fim de buscar o sentido. No compromisso com o exterior esse conteúdo interior se revela através da sociabilidade, da interação, do sentimento comum, o que acaba dando sentido ao texto. A essência do texto não se desfaz. O que pode acontecer, é que na sua neutralidade o texto possa provocar várias interpretações, mas sem afetar a sua essência, o seu sentido. Daí a importância da hermenêutica para o caminho da interpretação e compreensão.

O fator tempo, de grande influência na compreensão do texto, pode acarretar sérias dificuldades de interpretação, pois nem sempre se tem ao alcance os acontecimentos de uma época, e isso é um dos efeitos contrários à compreensão de um texto. Como diz Koch

Depois de escrito, o texto tem uma existência independente do autor. Entre a produção do texto e sua leitura, pode passar muito tempo, as circunstâncias da escrita (contexto de produção) podem ser absolutamente diferentes das circunstâncias da leitura (contexto de uso), fato esse que interfere na produção de sentido. (2010, p.32)

Um exemplo prático de como isso pode acontecer é o caso das poesias, ou letras de músicas que contem certas gírias, ou nome de pessoas ou coisas que não fazem parte do mundo atual do leitor. Observe esta poesia de Manuel Bandeira:

Balada das três mulheres do sabonete Araxá

As três mulheres do sabonete Araxá me invocam, me bouleversam,  
me hipnotizam.  
Oh, as três mulheres do sabonete Araxá às 4 horas da tarde!  
O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!  
Que outros, não eu, a pedra cortem  
Para brutais vos adorarem,  
Ó brancaranas azedas,  
Mulatas cor da lua vem saindo cor de prata  
Ou celestes africanas:  
Que eu vivo, padeço e morro só pelas três mulheres do sabonete  
Araxá!  
São amigas, são irmãs, são amantes as três mulheres do sabonete  
Araxá?  
São prostituta, são declamadoras, são acrobatas?  
São as três Marias?  
Meu Deus, serão as três Marias?  
A mais nua é doirada borboleta.  
Se a segunda casasse, eu ficava safado da vida, dava pra beber e  
nunca mais telefonava.  
Mas se a terceira morresse... Oh, então nunca mais a minha vida  
outrora teria sido um festim!  
Se me perguntassem: Queres ser estrela? Queres ser rei? Queres  
uma ilha no Pacífico? Um bangalô em Copacabana?  
Eu responderia: Não quero nada disso, tetrarca. Eu só quero as três  
mulheres do sabonete Araxá:  
O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!

Como se pode ver, existem certas expressões na poesia que não fazem parte do mundo do adolescente de hoje. Exemplo: Quem seria as três mulheres do sabonete Araxá? Pelo contexto se pode imaginar que seria três modelos de um comercial de sabonete. Isso porque indica a aparição sempre num horário específico – 4 horas da tarde. As palavras “bouleversam” (neologismo criado pelo autor, uma

das características da linguagem modernista-liberdade de expressão) e “tetrarca” (que significa rei) também são distantes do vocabulário de hoje. Ficaria, portanto, difícil o entendimento, pelo menos, de parte do texto, pois o adolescente iria se chocar com expressões não inseridas no seu contexto atual.

Para Koch

Considerar o leitor e seus conhecimentos e que esses conhecimentos são diferentes de um leitor para outro implica aceitar uma pluralidade de leituras e de sentidos em relação a um mesmo texto. [...] É claro que com isso não preconizamos que o leitor possa ler qualquer coisa em um texto, pois, como já afirmamos, o sentido não está apenas no leitor, nem no texto, mas na interação autor-texto-leitor. Por isso, é de fundamental importância que o leitor considere na e para a produção de sentido as “sinalizações” do texto, além dos conhecimentos que possui. (2010, p. 21).

Ao observar o que Koch escreve sobre a “pluralidade de leituras e de sentidos em relação a um mesmo texto” e que é necessário considerar as “sinalizações” do texto é importante relacionar seu pensamento com o que Bakhtin diz sobre a mudança de natureza do conteúdo da atividade verbal e do compromisso do conteúdo. Os dois autores expressam o discurso do interacionismo sociodiscursivo, no qual não existe texto sem contexto.

Segundo Koch (2010, p. 39, 40) “para o processamento textual recorreremos a três grandes sistemas de conhecimento: conhecimento linguístico; conhecimento enciclopédico; conhecimento interacional”.

A Língua, no processo de Comunicação, é um dos principais meios que favorece a interação do ser humano. A língua materna é algo inerente ao sujeito, pois em sua mais tenra idade, o bebê compreende o que falam, quando responde com choro ou sorriso algumas palavras de reclamação ou aprovação. Portanto, o conhecimento linguístico inicia-se desde cedo de forma assistemática e passa a realizar-se sistematicamente na Escola. O conhecimento linguístico para o processamento do texto segundo Koch (2008, p. 40) “abrange o conhecimento gramatical e lexical”. Neste caso, a autora se refere “a organização do material linguístico na superfície textual; o uso dos meios coesivos para efetuar a remissão ou sequenciação textual; a seleção lexical adequada ao tema ou aos modelos cognitivos ativados”.

No enunciado “Minha mãe, Deus lhe pague”, pode-se observar que para a compreensão desse enunciado foi necessário escolha das palavras; organização numa sequência lógica; pontuação adequada para entonação. Isso é apenas o

básico para análise do conhecimento linguístico, sem contar com a morfossintaxe, a ortografia, a semântica e outros estudos do conhecimento linguístico.

O conhecimento do mundo em que vive o ser humano é adquirido todos os dias, sem que muitas vezes seja necessário perceber-se da importância desse conhecimento. Por isso, o ser humano não é vazio de palavras, tampouco de sentido. No decorrer de toda sua vida ele adquire aprendizados e com isto interage sempre com o meio e conseqüentemente com o outro. A este conhecimento de mundo apreendido pelo indivíduo Koch dá o nome de conhecimento enciclopédico.

No enunciado “Neymar abandonou o jogo” pode-se dizer que, para a maioria das pessoas, hoje não seria difícil compreender quem é Neymar e que tipo de jogo ele abandonou.

Para compreender certos enunciados se faz necessário ativar o conhecimento enciclopédico existente no indivíduo.

Conhecer as formas de interação por meio da linguagem faz parte do conhecimento interacional que, segundo Koch (2010, p. 45) “engloba conhecimentos: ilocucional; comunicacional; metacomunicacional; superestrutural.”

No conhecimento ilocucional o leitor pode reconhecer os objetivos propostos pelo produtor do texto, em uma dada situação interacional. No texto: “Peço desculpas, aos meus leitores, pelo jeito triste de contar essa história, mas não posso adiá-la, pois estou quase morrendo”, existe um exemplo de ilocução, onde o autor pede desculpas por contar uma história triste.

O conhecimento comunicacional tem como base “a quantidade de informação necessária para se entender uma situação concreta; a seleção da variante linguística adequada a cada situação de interação e a adequação do gênero textual à situação comunicativa.” Koch (2010, p. 50)

Ao observar o enunciado: “– O meu porquinho da índia foi minha primeira namorada” Manuel Bandeira (2005, p. 18), pode-se constatar que:

- Há uma informação completa: o porquinho foi a primeira namorada;
- Há uma variedade linguística adequada: linguagem simples e clara para a situação comunicativa;
- Há também uma adequação de gênero textual à situação comunicativa. Uma narrativa informativa afirmativa.

O conhecimento metacomunicativo “utiliza-se de vários tipos de ações linguísticas configuradas no texto por meio da introdução de sinais de articulação ou apoios textuais”.

Exemplo: Eu NÃO quero brincar agora – entenda-me POR FAVOR. É ordem da minha mãe.

Identificar vários textos “como exemplares adequados aos diversos eventos da vida social” segundo Koch (2010) faz parte do conhecimento superestrutural, isto é, conhecer os gêneros textuais. São esses gêneros textuais que estão inseridos no cotidiano do ser humano e por isso mesmo é que a linguagem não pode ser algo abstrato, incompreensível e desproposital. O conhecimento superestrutural faz parte do cotidiano humano, pois os enunciados são variados e a compreensão desses enunciados está constantemente ligada ao universo de cada ser humano. Portanto para que haja compreensão de um texto, se faz necessário, reconhecer outros textos. Isto significa dizer que existe uma interdependência interdisciplinar para compreensão dos enunciados. Antunes reafirma:

Começamos por referir a noção mais ampla de intertextualidade, aquela que diz respeito à ideia de que tudo o que se expressa pelas diferentes linguagens remete a toda a experiência humana da interação verbal e, portanto, pertence a uma grande corrente de discursos construídos ao longo do tempo. (2010, p. 76)

Observa-se, portanto, que a variedade de textos ou gêneros textuais, fazem parte da macroestrutura da linguagem e esta variedade ajuda o leitor a entender sobre o que está lendo, o conhecimento superestrutural de que fala Koch (2010) se perfaz tanto na forma, fábulas, tirinhas, receitas quanto na “ordenação ou sequenciação textual em conexão com os objetivos pretendidos”. A intertextualidade ampla, citada por Antunes, faz parte dessa macroestrutura da linguagem que se realiza no conhecimento superestrutural, o qual é essencial para a compreensão dos enunciados.

Não pode existir compreensão quando o texto lido está aquém do universo estrutural do leitor, quando esse leitor ainda não está inserido nessa macroestrutura da qual o texto faz parte. Com isso se pode constatar que os textos são criados em diferentes níveis, e que, para compreender o texto o leitor precisa do conhecimento superestrutural no qual está envolvido o texto.

Ao falar da compreensão como processo Marcuschi (2008, p.256) indica quatro formas, as quais as denominam:

- 1- Processo estratégico – [...] permite supor que as atividades estão voltadas para uma ação comunicativa otimizada, com escolha das alternativas mais produtivas [...];
- 2- Processo flexível – [...] A compreensão pode se dar num ir e vir em movimento do todo para as partes e vice-versa;
- 3- Processo interativo – [...] numa negociação com as propostas textuais e com o interlocutor [...];
- 4- Processo inferencial – [...] esta noção diz respeito ao modo da produção de sentido que não se dá pela identificação e extração de informações codificadas, mas como uma atividade em que conhecimentos de diversas procedências entram em ação por formas de raciocínio variadas.

Todos esses processos indicados por Marcuschi leva o leitor a percorrer caminhos que facilitam a compreensão do texto. Ainda contribui para um trabalho de compreensão em que cada leitor tem liberdade de escolher qual a melhor proposta para cada tipo de texto e como deverá agir para o estabelecimento de uma melhor compreensão.

Apesar de cada processo assumir uma função diferente, na prática da compreensão, eles estão interligados numa conjuntura sociodiscursiva em que flexibilidade, interatividade e inferência são elementos constitutivos da compreensão.

Marcuschi afirma que:

Concebendo a compreensão como processo, fica evidente que ela não é uma atividade de cálculo com regras precisas ou exatas. Contudo, se compreender não é uma atividade de precisão isto também não quer dizer que seja uma atividade imprecisa e de pura adivinhação. Ela é uma atividade de seleção, reordenação e reconstrução, em que certa margem é permitida. De resto, a compreensão é uma atividade dialógica que se dá na relação com o outro. (2008, p. 256).

A dialogicidade da compreensão é o parâmetro primordial para conexão autor-texto-leitor. É no diálogo com o texto que o leitor concatena as ideias propensas pelo autor. Esta concatenação vai fazer com que o ato de compreender não se torne impreciso. Mesmo que, para compreender um texto, exija-se percorrer caminhos nuanciosos, o desenrolar do ato da compreensão não deve fugir das sinalizações do texto, das suas competências morfológicas, sintáticas e semânticas, para transformar-se em outro texto completamente diferente da estrutura e do sentido do texto original. Se isso acontece, um novo texto pode exigir um novo contexto e a ideia original pode se perder na imprecisão, que levará o ato de compreender a uma nova adivinhação.

Se, segundo Marcuschi (2008, p. 256) “a compreensão é uma atividade dialógica que se dá na relação com o outro”, este outro não pode ter um olhar avesso a que o autor quer comunicar. Compreender, um texto é, portanto, está conectado com as práticas da dialogicidade deste enunciado e ter sempre um olhar atento, quase microscópico, para enxergar as nuances apresentadas no contexto da enunciação.

## 2.2 Interpretação de Texto

O conceito de interpretação de texto é algo que muitas vezes passa despercebido, por uma maioria de professores, estudantes e até mesmo entre alguns autores. Estes entendem que entre interpretação e compreensão não existe diferenças.

Numa perspectiva ampla destes vocábulos pode-se ter a presunção de que, ambos têm realmente sentidos iguais, mas ao observar estritamente, estas duas palavras, percebe-se que há diferenças bem definidas entre elas. A relevância do estudo desse subtítulo responde a intenção de descobrir o sentido mais estrito da interpretação e qual o papel que esta assume no estudo da compreensão textual.

Interpretar é o mesmo que compreender? É a compreensão que leva a interpretação, ou é o avesso? É pela interpretação que se chega a compreensão? Ou ainda: É necessário interpretar para compreender ou a compreensão pode ser realizada sem a interpretação. Em que nível está a compreensão? E a interpretação? Será que a compreensão está no nível das palavras e a interpretação no nível do sentido? A compreensão é o ter e interpretação é o ser?

Todas essas questões acima são chaves que podem trazer, através do que dizem alguns teóricos, uma resposta para diferenciar interpretação de compreensão.

Orlandi (2008a, p. 116) escreve:

[...] a compreensão é do nível da consistência de registro (coerência externa). [...] No nível da compreensão é que é possível apreender o fato de que o domínio de saber de qualquer formação discursiva está articulado com o domínio da enunciação, podendo-se assim, mostrar que sujeito e formação discursiva se relacionam contraditoriamente. [...] Compreender, eu diria, é saber que o sentido poderia ser outro.

Aqui a autora dá uma pista do nível da compreensão. Esta está na consistência do registro, isto é, no nível da palavra, do vocábulo, na coerência

externa. Compreender significa entender o que está no enunciado, sem fugir do sentido da palavra posta, sem alterar a enunciação.

No enunciado “A moça foi à busca de emprego”, ao ler-se o enunciado percebe-se a coerência que neste se estabelece. Na enunciação reconhece-se o dizer da palavra. Segundo Orlandi (2008a, p. 117) “ter acesso a compreensão é desconstruir a relação enunciação/enunciado, formulação/constituição do sentido.” No enunciado “A moça foi à busca de emprego” a desconstrução da relação enunciação/enunciado, formulação/constituição do sentido pode ser realizada da seguinte forma. “A jovem foi a procura de trabalho”, ou ainda “Uma adolescente procurou trabalho” e outras formas possíveis de desconstrução do enunciado/enunciação. A desconstrução da relação enunciação/enunciado não altera a enunciação, pois, a desconstrução está no nível da consistência do registro (coerência externa). Orlandi diz que:

O sujeito que produz uma leitura a partir de sua posição, interpreta. O sujeito leitor que se relaciona criticamente com sua posição, que a problematiza, explicitando as condições de produção da sua leitura, compreende. [...] Compreender, eu diria, é saber que o sentido poderia ser outro. (2008a, p. 117).

Ao entender o conceito da compreensão sob a ótica de Orlandi, pode-se estudar o que define a interpretação. Diferentemente da compreensão, a interpretação, segundo esta autora, está no nível da reflexão, pois enquanto intérprete o leitor apenas faz uma reprodução do que já está produzido. Neste caso, pode-se “dizer que ele não lê”, é “lido”, uma vez que “reflete” sua posição de leitor na leitura que produz. (Orlandi, 2008a).

Ao seguir o ponto de vista da autora, em diferenciar a compreensão da interpretação, pode-se observar que a compreensão está no nível do vocabulário e a interpretação está no nível do sentido. Para compreender é necessário que busque a palavra no seu sentido estrito, determinado. Importada a palavra para fazer-se compreender um enunciado, esta sempre é colocada no âmbito do vocabulário, que é definido como palavra do domínio do conhecimento. E é pela palavra conhecida que se faz a compreensão. A reflexão é a arte de pensar a palavra, de dar-lhe sentido, de colocá-la diante dos sentidos em que ela possa permanecer. Para interpretar é preciso refletir, reformular, reproduzir. A reflexão busca o sentido, o caminho a percorrer a palavra, o local onde a possa estabelecer. A interpretação se faz, portanto, pelo caminho da reflexão, a qual conduz o intérprete formular “apenas



o(os) sentido(s) constituído (o repetível), estando ele (leitor) afetado tanto pela ilusão que produz a eficácia do assujeitamento quanto pela que institui a estabilidade referencial, de que resulta a impressão de que há uma relação direta entre o texto e o que ele significa”. (ORLANDI, 2008a, p. 117).

Para Bakhtin (2009, p. 153):

Toda a essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que se pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o “fundo perceptivo”, é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior.

Ao remeter esta citação de Bakhtin para o contexto da interpretação pode-se perceber o que acontece com o leitor-intérprete ao apreender a enunciação no enunciado. As palavras interiores do leitor do texto envolvem-se com o discurso apreendido do exterior e dessa forma acontece a reflexão, a qual está imbuída de sentido pelo qual acontece a interpretação. A interpretação que pertence ao nível do sentido se exterioriza na palavra pela qual se faz a compreensão. Pode-se perceber, portanto, que a interpretação e a compreensão são de níveis diferentes, mas interligados, pois enquanto a compreensão é o fim, a interpretação é o meio para se chegar à compreensão. A interpretação se estabelece no discurso interior que mediatiza a atividade mental do leitor/intérprete, o qual apreende o discurso exterior realizando a junção entre os dois discursos – interior e exterior, apresentado no enunciado (texto). Todo o caminho da interpretação – reflexão é realizado no nível do sentido, que ao se exteriorizar na palavra leva à compreensão.

Orlandi (2008b, p. 193) explica:

A questão da formulação, da corporalidade da linguagem inclui o que definimos como gesto de interpretação: o gesto é prática significante trazendo para si tanto a corporalidade dos sentidos quanto a dos sujeitos enquanto posições simbólicas historicamente constituídas. [...] Nós nos significamos no que dizemos. O dizer deixa os vestígios do vivido, do experimentado e o gesto de interpretação mostra os modos pelos quais o sujeito (se) significa.

No processo de interpretação de um texto as formulações da corporalidade da linguagem se organizam no âmbito do sentido, o qual dá significado ao dizer dos sujeitos, já que a interpretação, segundo a autora, acima citada, “está presente em dois níveis: o de quem fala e o de quem analisa” e acrescenta “a finalidade do

analista do discurso não é interpretar, mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos”. (2008b, p.19). Observa-se nesta afirmação da autora que interpretar é um meio para se chegar a um fim. Neste caso, o meio que o analista do discurso utiliza para chegar a sua finalidade, que é compreender como um texto funciona.

A autora afirma que os sujeitos se significam no que dizem. Esta afirmação é de muita valia para o olhar atento do professor de Língua, e de todos que fazem parte da educação, e que se colocam sob a visão do Interacionismo Sociodiscursivo, pois é através dos enunciados dos alunos, do que eles falam, do que eles experimentam em sua comunidade, que deve trabalhar os conteúdos, principalmente os textos para o estudo da Língua. Cabe ao professor, junto com os alunos, serem os intérpretes destes textos para chegarem à compreensão de que, o que se aprende na Escola é levado à vida. Assim, se pode perceber como a interpretação é meio para atingir o fim, como, os dizeres deixam os vestígios dos vividos, pois é no dizer que está a história dos alunos. Estas histórias devem ser interpretadas pelos gestos da interpretação, os quais segundo Orlandi, são esses gestos que mostram os modos pelos quais o sujeito se significa.

Uma proposta de interpretação interessante é dada por Michel Pêcheux, em seu livro, *O Discurso – Estrutura ou Acontecimento*. Pêcheux escreve:

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). (2008, p. 53).

Para Pêcheux, interpretar é ir além da lógica estável dos enunciados. Não se pode esbarrar o processo da interpretação que pode abrir novos rumos, novas perspectivas, novas descobertas que podem “organizar as relações sociais em redes de significantes.” (2008, p. 54). Este autor de visão funcionalista, critica o estruturalismo quando “fecha” o caminho aos novos horizontes do enunciado, sem deixar de reconhecer que quando o estruturalismo deixa “fazer pesar uma suspeita absolutamente explícita sobre o registro psicológico” apenas reconhece “um fato estrutural próprio à ordem humana: o da castração simbólica.” (2008 p. 46) É comum ao ser humano querer uma explicação real para os acontecimentos e é isto que o leva a buscar o sentido das coisas. Paradoxalmente, à medida que rejeita a simbologia, busca nela descobrir a razão, o real dos acontecimentos para produzir

uma estabilidade. Isso é próprio do sentimento estruturalista. Daí a tentativa de estabilizar a interpretação sem deixar que se desloque o sentido do enunciado pela “proibição da interpretação própria ao logicamente estável”.

No estudo da compreensão de texto se pode observar que existe uma estrutura lógica para esta compreensão e que a proibição da interpretação própria faz parte das regras do estudo da compreensão. Pêcheux reconhece este “enquadramento” quando diz que:

O objeto da linguística (o próprio da língua) aparece assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformação do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinidos das interpretações. (2008, p. 51)

Percebe-se , portanto, que ao analisar um texto, esse estudo pode ser feito sob os dois ângulos citados pelo autor, o das significações estabilizadas e o da transformação do sentido.

Ao trabalhar a análise do texto pode-se levar em conta o processo estruturalista, sem fugir das normatizações propostas para a sua compreensão. Como diz Orlandi (2008a, p. 60) “Cada texto tem, assim, uma certa unidade discursiva com que ele se inscreve em um tipo de discurso determinado.” Esta unidade do texto que leva autor e leitor a co-produção faz com que este texto seja analisado pelo espaço das significações estabilizadas ditas por Pêcheux, mas também pode ser vista e analisada pela transformação do sentido colocado pelos diversos leitores, com suas diversas visão de mundo. Neste caso, a interpretação assume um papel mais funcionalista, onde cada sujeito é reconhecido e reafirmado no seu contexto histórico. Pêcheux admite a análise discursiva nestes dois espaços, o que o faz reconhecê-lo como um grande defensor do funcionalismo linguístico, quando oferece uma proposta mais aberta de análise do discurso, conectada com os interesses das esferas sociais dando ao indivíduo a possibilidade de participar e criar o seu próprio texto, quando afirma:

E é neste ponto que se encontra a questão das disciplinas de interpretação: é porque há o outro nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao languageiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem se organizar em

memórias e as relações sociais em redes de significantes. (2008, p. 54)

A interpretação do texto sob a ótica de Pêcheux não está regulada por uma estabilidade discursiva, em que o enunciado deva estar ligado apenas a uma história mas ao processo histórico e as relações sociais nas quais estão inseridos os indivíduos. O termo história, como explica Orlandi (2008a, p. 19) “compreende não só o aspecto cronológico, mas, sobretudo o de “intriga”.” É na vivência de sua história, nas relações sociais, que o indivíduo busca interpretar e compreender o seu “estar aqui” e com isso construir sua autonomia e identidade. Na análise do texto o professor pode e deve ser este agente que dá ao aluno oportunidade de crescer e entender o seu mundo na convivência com o outro. Pela interpretação que é meio para a compreensão professor e aluno podem descobrir caminhos que os levem a construir melhor a cidadania.

A interpretação e a compreensão são, portanto, uma forma de ler a vida, de ver o mundo, de conectar-se ao outro e de entender que é interpretando e compreendendo que o ser humano pode dar um novo rumo a sua história, ou permanecer na história que já construiu para si, levando em conta que o livre arbítrio está ao seu dispor.

### 3. COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

#### 3.1 Análise das propostas no Ensino Fundamental

Para alguns autores de livros didáticos, compreender e interpretar ocupa uma mesma esfera, ou seja, são sinônimos que tem o mesmo sentido. Ao elaborar a proposta de interpretação e compreensão não diferenciam, nem separam o compreender do interpretar. Ambos se misturam e se estabelecem numa única proposta, que leva o aluno a responder sem que se exija maior reflexão. Tais autores seguem uma linha tradicional que exige dos alunos apenas repetir o que diz literalmente o texto. Outros autores seguem uma linha mais reflexiva, mas sem deixar de lado as questões de respostas retiradas literalmente do texto. Ao observar alguns livros didáticos, de diferentes autores, percebe-se que não há uma preocupação, tampouco, organização dos espaços ocupados pela compreensão e interpretação. Também as terminologias em relação à compreensão (entenda-se aqui a palavra compreensão em sentido *latu*) são variadas. Observe alguns exemplos dessas terminologias na obra dos seguintes autores:

Correa (2000, p. 82) em um livro dirigido a 5ª série (hoje equivalente ao 6º ano) do ensino fundamental, escreve: “Interpretação de Texto” para formulação de perguntas, como: “Onde vivem os camundongos do texto: no campo ou na cidade? Justifique” – que exige uma resposta retirada do texto apresentado com o título: “Os dois ratinhos”. Mas também faz perguntas do tipo: “Na sua opinião, toda casa velha é, necessariamente, um paraíso de ratos?” Resposta que exige uma reflexão, que segundo Orlandi é ponto fundamental para uma interpretação.

Percebe-se que a autora usa a terminologia, “Interpretação do Texto” em sentido *latu*, sem diferenciar compreensão de interpretação.

Importante observar que, após a elaboração de doze perguntas com respostas que devem ser retiradas, uma maioria, literalmente do texto a autora cria uma nova seção que recebe o nome de “Atividade Oral”, na qual leva o aluno a refletir sobre problemas relacionados à sua vivência. Essa reflexão parte da leitura do texto, dos elementos que este oferece, para uma conversa que leve o aluno a se inserir no contexto social da preocupação com o lixo, relacionando ratos a lixo, já que no exemplo dado nesta pesquisa, o texto fala de ratos.

Percebe-se, também, que a autora mesmo elaborando perguntas, na seção que denominou de Interpretação de Texto, algumas destas perguntas leva o aluno a refletir. Um dos exemplos é a seguinte questão: “Se a fábula ilustra o comportamento dos homens, que espécies de pessoas os camundongos estão representando?”

Vale salientar que a autora usa a mesma organização para as outras séries 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup>, e 8<sup>a</sup> do ensino fundamental, e que além das seções supracitadas, cria outras seções que levam a refletir sobre o texto, as quais denominam: “A palavra no contexto”; estuda o vocabulário do texto; “Leitura complementar”; “Sugestões de leitura e Sala de Redação”. Conclui-se, portanto, que o objetivo da autora com o primeiro texto apresentado, em cada capítulo, é trabalhar a compreensão do texto de várias formas e levar o aluno à produção textual.

Em nenhum momento a expressão “compreensão do texto” aparece como seção para trabalhar a análise do texto.

Criou-se uma seção com o título, Gramática, na qual se trabalha conceito e exercícios de regras gramaticais.

O que se pode concluir da proposta da autora, Correa (2000) que traz como título: “A palavra é Sua”, é que, apesar de não haver nenhuma discriminação terminológica e conceitual entre compreensão e interpretação de texto, o ensino/aprendizagem orientado por esta proposta não ficou isento de interpretação e compreensão em sentido estrito, tampouco o ensino da gramática está descontextualizado, caso seja analisado sob a ótica de Pêcheux, texto já citado neste trabalho, que diz:

O objeto da linguística (o próprio da língua) aparece assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformação do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados num relançar indefinido das interpretações. (2008, p. 51)

Cereja (2012) apresenta uma proposta bem sofisticada de estudo do texto. Sua obra é dividida em unidades e em cada unidade apresenta três capítulos. A terminologia usada para apresentar o estudo do texto aparece sob a forma “Compreensão e Interpretação”. O fato do termo “Compreensão” vir antes do termo, “Interpretação”, não dá para discernir se foi proposital ou apenas o autor não leva em conta esta ordem, visto que a interpretação e a compreensão estão tão

interligadas no processo da análise textual, que tal separação para o autor talvez tenha sido desnecessária. Neste trabalho, em capítulo anterior, registrou-se que, a interpretação é um meio para atingir um fim – a compreensão.

Orlandi (2008a p. 116) ao falar das três relações do sujeito com a significação, escreve:

Temos, assim: a) o inteligível: a que se atribui sentido atomizadamente (codificação); b) o interpretável: a que se atribui sentido levando-se em conta o contexto linguístico (coesão); c) o compreensível: é a atribuição de sentidos considerando o processo de significação no contexto de situação, colocando-se em relação enunciado/enunciação.

Observa-se, nas obras analisadas e citadas neste trabalho, que nos exercícios propostos há as três relações do sujeito com a significação:

- a) O inteligível – que se pode ver numa proposta do tipo: Qual o título do texto? O aluno observa e responde atomizadamente, sem maiores intervenções reflexivas.
- b) O interpretável – na seguinte proposta: “O texto ‘Povo’ é humorístico. Contudo, além de promover o riso, ele tem outra finalidade. Qual é ela?” CEREJA, 8º ano, (2012, p. 52). Nesta proposta, o aluno precisa refletir, contextualizar, verificar detalhes do texto e as inferências da sua visão de mundo para poder dar uma resposta adequada.
- c) O compreensível – que se realiza na proposta de resposta do interpretável. Ao refletir sobre a proposta (b) o aluno/leitor busca dar sentido, ao texto, considerando o processo de significação no contexto de situação. E sua resposta, quando adequada, nada mais é do que a colocação da relação enunciado/enunciação. Conclui-se, portanto, que, com a resposta adequada dada pelo aluno-leitor, houve, o que se pode chamar, a compreensão do texto, no caso em questão, a compreensão da proposta (b) que se inicia no nível do interpretável – da reflexão.

Orlandi ao analisar a compreensão, afirma:

Para chegar à compreensão não basta interpretar, é preciso ir ao contexto de situação (imediate e histórico). Ao fazê-lo, pode-se apreciar o lugar em que o leitor se constitui como tal e cumpra sua função social. Podemos melhor apreciar a relação entre pontos de entrada e pontos de fuga. (2008a, p. 117)

Por esta afirmação, da autora, se pode observar que compreender é bem mais que interpretar, pois exige adequação, delimitação de ordem semântica, apoio

em elementos bases do texto, como também elementos básicos extratextuais, sendo estes delimitados ao contexto de situação imediato e histórico. Interpretar é apenas um dos meios que pode levar a compreensão, já que, no conceito da autora em questão, interpretar é refletir, pois, segundo ela, o intérprete “apenas ‘reflete’ sua posição de leitor na leitura que produz”.

Orlandi acrescenta:

Sem teoria não há compreensão. No seu trato usual com a linguagem, o sujeito apreende o inteligível, e se constitui em intérprete. A compreensão, no entanto, supõe uma relação com a cultura, com a história, com o social e com a linguagem, que é atravessada pela reflexão e pela crítica. (2008a, p. 117)

Ao formular seu conceito de compreensão Orlandi não afasta a interpretação, nem o inteligível. Estes fazem parte do processo que leva à compreensão. Sem a reflexão não há interpretação, tampouco teoria. Sem teoria não há compreensão, pois esta se faz à medida que se teoriza, reflete, busca no inteligível a base para reflexão. É necessário, que haja codificação, interpretação coesa levando em conta o contexto linguístico para se chegar à compreensão.

Ao analisar os livros didáticos, de forma especial, os já citados neste capítulo, percebe-se que, não é do livro didático a culpa da falta de um ensino/aprendizagem que leva o aluno a interpretar e compreender os textos. Os livros são apenas subsídios que trazem propostas de trabalho, ora excelentes, que ajudam no processo ensino/aprendizagem de forma adequada e instigante. Ora trazem propostas displicentes, desinteressantes que podem e devem ser rejeitadas tanto pelo professor quanto pelo aluno.

Não há um livro didático todo excelente, tampouco um livro didático todo péssimo. Há livros didáticos melhores, outras com propostas de trabalho muito simplórias e até mesmo conteúdos com informações desconstruídas, não fidedignas.

Quanto ao conceito de interpretação e compreensão, os livros didáticos analisados não trazem em sua forma de apresentação, uma proposta coerente em que se perceba esta diferenciação. Mas, se levar em conta o que Orlandi diz sobre o inteligível, o interpretável e o compreensível, todos eles, especialmente os aqui citados, trazem propostas que se adequam e podem ser ampliadas no trabalho do ensino/aprendizagem.



É, portanto, da falta de preparo do professor, por desinteresse dele ou falta de oportunidade para estudar, que o trabalho de compreensão de texto pode ser prejudicado, e conseqüentemente o professor, junto com seus alunos, não atingirem os objetivos de leitura e compreensão. Dentre os quais os de maior relevância – a construção da identidade e autonomia do ser humano.

Ao propor que a compreensão supõe uma relação com a cultura, com a história, com o social e com a linguagem, Orlandi estimula os envolvidos no processo ensino/aprendizagem a trabalharem a linha do interativismo sóciodiscursivo, a qual não se realiza sem muita leitura, muita observação de mundo, bastante interpretação e compreensão dos textos que circulam em toda sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar Texto, Leitura, Compreensão e Interpretação, sob a ótica do Interacionismo Sociodiscursivo, trouxe respostas para uma série de dúvidas que pairavam sobre tal problema.

Dúvidas sobre conceito de texto foram analisadas no primeiro capítulo, no qual se refletiu os conceitos de texto dado por Marcuschi, Koch, Medeiros/Tomasi e Bakhtin. Uma das conclusões sobre o texto, após análise dos conceitos dos ilustres autores supracitados, é que ele se apresenta como um instrumento individual-sócio-comunicativo que tem em sua estrutura os elementos básicos para a comunicação: a dicotomia individualidade/sociabilidade. Individual à medida que traz o novo, que satisfaz a curiosidade do leitor; social à medida que é formulado pelo discurso coletivo, onde aparecem as multivozes que colaboram para a sua compreensão e o interagir entre os humanos. Dentre da concepção Interativista sociodiscursiva o texto nos remete a exercer a cidadania, quando se tem a capacidade de interpretá-lo e compreendê-lo.

Entre os vários conceitos de texto pode-se observar que o princípio fundamental deste é o sentido. Não existe texto se não houver sentido, caso contrário, deixa de ser texto e passa a ser apenas um amontoado de palavras.

Ao estudar sobre a leitura percebeu-se o quanto esta é importante para o ser humano, pois é na leitura, cada vez maior, das diversas vozes, das diversas palavras, dos diversos textos que o cidadão ou cidadã é capaz de projetar-se para assim, promover sua dignidade.

Refletir sobre a diferença entre compreender e interpretar o texto, no segundo capítulo, observou-se que alguns autores não mencionam esta diferença, mas outros a exemplo de Eni P. Orlandi deixam bem claro a diferença entre compreender e interpretar. Para isto, ela escreve:

[...] a compreensão é do nível da consistência de registro (coerência externa). [...] Quanto a interpretação e ao interprete, eis o que se passa. O intérprete formula apenas o(s) sentido(s) constituído (o repetível), [...] uma vez que apenas “reflete” sua posição de leitor na leitura que produz. (2008a, p. 116, 117).

Mediante algumas teorias sobre compreensão e reflexão pode-se concluir que a compreensão está no nível do vocabulário, enquanto a interpretação está no nível do sentido. Pode-se perceber que a interpretação e a compreensão são de níveis

diferentes, mas interligados, pois enquanto a compreensão é o fim, a interpretação é o meio para se chegar à compreensão.

Ao analisar alguns livros didáticos, os quais foram citados no terceiro capítulo, observou-se que alguns autores não diferenciam compreensão de interpretação, enquanto outros o fazem de forma implícita, sob a estrutura dos exercícios.

Ao relacionar as propostas dos livros didáticos com as teorias dos autores, de modo especial, Bakhtin e Pêcheux, verificou-se que tais propostas, em alguns pontos, trazem em sua essência algo que pode ser compatível com estas teorias.

A pesquisa teve como relevância a apreciação das teorias sobre leitura, compreensão e interpretação, enquanto meio para a aplicação na prática docente, de forma que esta possa interferir na vivência do alunado e na experiência da integração da Escola à Comunidade, âmbitos de circulação e formação da cidadania.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. **Aula de português: encontro & iteração.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem & Estrela da manhã.** – 1. Ed. Especial. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem.** – 13. Ed. – São Paulo: Hucitec, 2009.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano.** – Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores.** – Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

CEREJA, William Roberto. **Português linguagens, 8º ano: língua portuguesa/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães.** – 7. Ed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2012.

CORREA, Maria Helena. **A palavra é sua: língua portuguesa, 5ª série/ Maria Helena, Luft.** – Ed. Reform. – São Paulo: Scipione, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 47. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula.** – 4. Ed. – São Paulo: Ática, 2006.

GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antónia. **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas.** – Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2007.

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura.** – 6. Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da Leitura.** – 10. Ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2007.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** – 3. Ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ler e escrever: estratégias de produção textual.** 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos.** - 7. Ed. – 2. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEDEIROS, João Bosco; TOMASI, Carolina. **Português Forense:** a produção de sentido. São Paulo: Atlas, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura.** – 8. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. 3. ed. – Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2008b.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. – 5. Ed. – Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2008.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. **A Interpretação Hermenêutica em Paul Ricoeur:** uma possível contribuição para a educação. Comunicações. Piracicaba, Ano 18, n. 2, p. 19-36. Jul-dez 2011.